



O RESTO QUE A PANDEMIA DESVELA

EL RESTO QUE LA PANDEMIA DESVELA

THE REST THAT THE PANDEMIC REVEALS

Bruno Fonseca Sbruzzi¹

Alexander Lucio de Sá Araujo²

Phamela Aryane Sudré Aguiar³

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a atualidade e aplicabilidade das contribuições freudianas no que tange os períodos de guerra e morte para a atual crise sanitária decorrente do novo coronavírus no contexto brasileiro. Para tanto foram estabelecidas relações entre os impactos da pandemia da COVID-19 observadas nos diferentes usos que as pessoas fazem da Internet e as elaborações de Freud sobre as reações dos civis frente às perdas na Primeira Guerra Mundial presentes em seus textos “Considerações atuais sobre a guerra e a morte” (1915) e “Sobre a transitoriedade” (1915/1916). Salientamos também que a crise econômica e a política brasileira se apresentam enquanto agravantes no enfrentamento da crise sanitária imposta pela Covid-19 indo ao encontro das elaborações de Freud (1915). Por fim, para além das reações extremas, notamos também ações particulares que consentem com as perdas, mas buscam um resgate da dignidade humana, como é o caso das redes de apoio criadas no ambiente virtual para manutenção da subsistência dos menos favorecidos, educação, lazer e cultura, bem como a criação do perfil na rede social Instagram “@inumeraveismemorial” que é dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Ressaltando assim possibilidades de um trabalho de luto e valorização da vida, que tentam incluir a existência da morte ainda que enquanto uma realidade não dizível em primeira pessoa, como nos aponta a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: Luto; Pandemia; Redes de apoio; Transitoriedade.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relevancia y aplicabilidad de las contribuciones freudianas sobre los períodos de guerra y muerte a la actual crisis de salud derivada del nuevo coronavirus en el contexto brasileño. Para ello, se establecieron relaciones entre los impactos de la pandemia COVID-19 observados en los diferentes usos que las personas hacen de Internet y las elaboraciones de Freud sobre las reacciones de la población civil ante las pérdidas en la Primera Guerra Mundial presentes en sus textos “Consideraciones actuales sobre guerra y muerte” (1915) y “Sobre la fugacidad” (1915/1916). Destacamos también que la crisis económica y la política brasileña se presentan como agravantes en el enfrentamiento de la crisis sanitaria impuesta por Covid-19, en línea con las elaboraciones de Freud (1915). Finalmente, además de las reacciones extremas, también notamos acciones particulares que consienten las pérdidas, pero buscan un rescate de la dignidad humana, como es el caso de las redes de apoyo creadas en el entorno virtual para mantener el sustento de los menos afortunados, la educación, el ocio, y cultura, así como la creación del perfil en la red social Instagram “@inumeraveismemorial” que está dedicado a la historia de cada una de las víctimas del coronavirus en Brasil. Destacando así las posibilidades de un trabajo de duelo y valoración de la vida, que intenta incluir la existencia de la muerte aunque sea una realidad que no se puede decir en primera persona, como señala el psicoanálisis.

PALABRAS CLAVE: Luto; Pandemia; Redes de apoyo; Transitoriedad.

ABSTRACT: The present study aims to reflect on the relevance and applicability of Freudian contributions regarding the periods of war and death to the current health crisis arising from the new coronavirus in the Brazilian context. For this purpose, relationships were established between the impacts of the COVID-19 pandemic observed in the different uses people make of the Internet and Freud's elaborations on the reactions of civilians to the losses in World War I present in his texts “Current considerations on war and death” and “On transience” (1915/1916). We also emphasize that the economic crisis and Brazilian politics are presented as aggravating factors in the confrontation of the sanitary crisis imposed by Covid-19, in line with the elaborations of Freud

¹ Bacharel em psicologia pela UFMG, especialista em clínica psicanalítica pela PUC Minas e mestrando em psicologia pela PUC Minas. E-mail: sbruzzibruno@gmail.com

² Bacharel em engenharia de produção pela PUC Minas, mestrando em psicologia pela PUC Minas. E-mail: alexander.saraujo@gmail.com

³ Bacharel e licenciatura em psicologia pela PUC Minas, mestranda em psicologia pela PUC Minas. E-mail: phamela.sudre@gmail

(1915). Finally, in addition to extreme reactions, we also note particular actions that consent to losses, but seek a rescue of human dignity, as is the case of support networks created in the virtual environment to maintain the livelihood of the less fortunate, education, leisure and culture, as well as the creation of the profile on the Instagram social network “@innumeraveismemorial” which is dedicated to the story of each of the victims of the coronavirus in Brazil. Thus emphasizing possibilities of a work of mourning and valuing life, which try to include the existence of death even though it is a reality that cannot be said in the first person, as psychoanalysis points out.

KEYWORDS: Grief; Pandemic; Support networks; Transience.

INTRODUÇÃO

O novo agente do coronavírus, o SARS-CoV-2, foi identificado em dezembro de 2019 em Wuhan na China, sendo desde então disseminado e transmitido de pessoa a pessoa causando a doença COVID-19, resultando em 25 de março de 2020 segundo a Organização Mundial da Saúde em um estado de Pandemia.

A doença causada pelo novo coronavírus apresenta um largo espectro em sua apresentação clínica, sendo que a maioria (cerca de 80%) dos casos podem ser assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas), aproximadamente 20% dos casos requerem atendimento hospitalar dos quais cerca de 5% podem necessitar de suporte ventilatório. (BRASIL, Ministério da Saúde, 2020).

Nesse sentido, torna-se relevante apontarmos que não é a primeira vez que a humanidade enfrenta uma pandemia. Destacamos para o presente estudo a Gripe Espanhola, causada pelo vírus Influenza H1N1, que assolou o mundo logo após a Primeira Guerra Mundial, matando cerca de 40 milhões de pessoas entre os anos de 1918 e 1920. (CNN Brasil, 2020) Entretanto, desde então muitas mudanças ocorreram, principalmente no que tange os avanços da ciência e das tecnologias em saúde, visto que, é apenas na década de 1950 que começam a surgir os estudos na área da microbiologia.

Para além dos avanços na área da saúde, vivenciamos atualmente uma mudança imprescindível nas relações humanas desde o advento da rede mundial de computadores no final do século XX, a qual permite uma comunicação e disseminação das informações de maneira instantânea por todo o globo terrestre.

Diante disso, se antes existiam apenas a natureza (primeiro ambiente) e, as cidades e Estados construídos pela humanidade (segundo ambiente), precisamos agora lidar com a existência de um terceiro ambiente que sobrepõe e transforma os outros dois, o ciberespaço. (TAPIAS, 2006).

Seguindo essa lógica, pode-se perceber para além das similaridades, as distinções importantes nas maneiras pelas quais a humanidade enfrentou a Gripe Espanhola no século XX

para como estamos enfrentando a atual crise sanitária resultante da disseminação do SARS-CoV-2. Sobretudo no que toca às questões de prevenção do contágio e suas implicações sociais, uma vez que, as principais recomendações em 2020 e 2021 da OMS são o isolamento social, uso de máscaras adequadas e higienização frequente de si mesmo e dos ambientes.

Nesse sentido, a internet assume então um papel importante, porém não isenta de efeitos colaterais, uma vez que, se por um lado ela nos permite uma comunicação entre nossos pares, maior circulação de informações, conhecimentos e possibilidade de consumo de bens no conforto de nossas casas, por outro ela pode nos privar do encontro com a alteridade, justamente por permitir a cada um de nós uma comunicação seletiva, parcial (podemos nos relacionar apenas com a voz, texto ou imagem do outro) e mediada, na qual nosso corpo pode não entrar em cena.

Sendo assim, nos interessa neste estudo fazer uma análise dos impactos da pandemia da COVID-19 através dos diferentes usos que as pessoas fazem da Internet diante da ameaça invisível que nos assola. A partir de um paralelo com as elaborações de Freud em “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915) salientamos nesse momento dois movimentos observados no ciberespaço: a) a ambivalência afetiva da população frente ao sofrimento e as mortes causadas pelo SARS-CoV-2; b) o frequente uso das mídias sociais enquanto ferramenta de articulação e interação social para o enfrentamento da crise sanitária.

Para tanto usaremos as elaborações freudianas em “Sobre a transitoriedade” (1915) e “Reflexões para os tempos de guerra e morte” (1915) para análise dos aspectos sociais observados atualmente no ciberespaço.

PANDEMIA, GUERRA E MORTE

Inegavelmente os estados de guerra e pandemia, trazem entre si inúmeras equivalências, a primeira delas e talvez a mais evidente diz respeito ao potencial aniquilador de ambas, as quais podem dizimar a população em um curto espaço de tempo e em um largo espaço territorial.

Para além dessa semelhança é necessário ressaltar outro paralelismo das situações, no qual observamos as drásticas mudanças na práxis vital das pessoas, que em períodos como esses precisam lidar com o desespero frente às ameaças, sejam elas bombardeios e conflitos armados ou então o ataque por um vírus invisível, bem como a escassez de alimentos e instabilidade econômica e política desses tempos.

Nesse sentido, tais mudanças alteram radicalmente a maneira pela qual os seres humanos se relacionam entre si e sua percepção sobre a realidade externa, como bem aponta Freud em 1915 ao depreender de maneira exemplar as reações das pessoas frente a situações extremas, discutindo sobre o mundo que naquele momento enfrentava os impactos da Primeira Guerra Mundial.

A primeira reação descrita por Freud em seu texto “Reflexões para os tempos de guerra e morte” refere-se a desilusão despertada pela guerra que pode se originar devido a duas situações:

[...] a pouca moralidade mostrada exteriormente por Estados que nas relações internas posam de guardiães das normas éticas, e a brutalidade do comportamento de indivíduos que, como membros da mais elevada cultura humana, não acreditariam capazes de atos semelhantes. (FREUD, 1915, p. 218).

Nesse sentido, as reflexões freudianas perpassam dois aspectos, o primeiro deles diz respeito ao modo pelo qual as sociedades são formadas e a relação entre elas e os Estados. O autor salienta que cada nação, em seu processo civilizatório, formulou normas de conduta moral para cada indivíduo, o qual deve conformar-se a elas se desejar participar de uma comunidade, o que não é possível sem uma elevada renúncia à satisfação de seus instintos.

Quanto ao Estado, Freud (1915) aponta que durante a guerra a própria nação que em momentos de paz proibia os indivíduos de cometerem a prática do mal, inflige ao seu inimigo os mais diversos atos de violência. Nesse sentido o autor aponta que nesses momentos de sítio, o Estado exige a máxima obediência e sacrifício dos cidadãos ao passo que também os tratam como crianças através do excesso de sigilo e censura, deixando-os sem garantias e sem defesa contra qualquer mudança desfavorável dos eventos. O psicanalista ainda vai adiante ao afirmar que o relaxamento dos laços morais coletivos repercute na moralidade dos indivíduos, que ante a “ansiedade social” e a falta de objeções sociais perpetram também atos de crueldade, fraude e traição, verificando assim um fim à supressão das paixões más.

Tais características são usadas por Freud (1915) para defender sua tese de que essas paixões más já se encontravam presentes na vida subjetiva de todos os indivíduos, sendo estas suprimidas através dos mecanismos de repressão necessários ao processo civilizatório e desaranjadas diante das ameaças.

Sendo assim, o autor citado anteriormente (1915) defende a ideia da impossibilidade da “erradicação” do mal ao afirmar que “Um ser humano é raramente bom ou mau por inteiro,

em geral é ‘bom’ nesse aspecto, ‘mau’ naquele outro, ou ‘bom’ em determinadas circunstâncias e decididamente ‘mau’ em outras. (p. 220).

Posto isso, as contribuições de Freud para este estudo referem-se às elaborações sobre a possibilidade de transformação de alguns instintos por componentes eróticos através de fatores chamados por ele de internos e externos, devido à necessidade humana de amor. Nesse sentido, segundo o autor (1915, p. 220-221):

Aprende-se a estimar, como uma vantagem, ser amado, vantagem pela qual se pode renunciar a outras. O fator externo é a coação exercida pela educação, que representa as demandas do ambiente civilizado, e que depois prossegue no influxo direto do meio cultural. A civilização foi adquirida pela renúncia à satisfação instintual, e exige de cada ‘recém-chegado’ essa mesma renúncia. Durante a vida individual há uma contínua transformação de coação externa em coação interna. As influências culturais levam a que tendências egoístas cada vez mais se convertam em altruístas, sociais, pela adjunção de elementos eróticos.

Sendo assim, a sociedade civilizada ao exigir uma boa conduta dos cidadãos sem se preocupar com a base pulsional da experiência humana, conquistou a obediência de muitas pessoas que, para isso, deixaram de seguir suas próprias naturezas. Consequentemente observa-se que os indivíduos acabam ficando ainda mais sujeitos a uma incessante supressão de seus instintos, gerando uma tensão e fenômenos de reação e compensação, uma vez que, todo instinto demanda satisfação (FREUD, 1915). É nesse sentido que Freud (1915) vai afirmar que:

Das discussões precedentes retiramos o consolo de que era injustificada nossa amargura e dolorosa desilusão pela conduta incivilizada de nossos concidadãos do mundo nesta guerra. Fundava-se numa ilusão a que nós havíamos entregado. Na realidade eles não desceram tão baixo como receávamos, porque não tinham se elevado tanto como acreditávamos. (p.224)

O segundo aspecto das reações humanas diante da guerra salientadas por Freud (1915) diz respeito à relação do homem com a morte. Para o psicanalista é impossível imaginar nossa própria morte, e quando tentamos, percebemos que ainda estamos na cena enquanto espectadores.

Diante disso, o autor (1915) ressalta que nosso hábito é conceder ênfase às causas fortuitas da morte como acidente, doença ou idade avançada, numa tentativa de apartar de nossos planos e futuro a morte.

Entretanto se por um lado o autor nos apresenta que nosso inconsciente não crê na própria morte, por outro ele ressalta que frequentemente em nossos impulsos inconscientes pensamos e desejamos a aniquilação de alguém, a fim de nos livrarmos de quem nos atrapa-

lha, ofende ou que nos prejudicou. Com isso, observamos que o inconsciente se satisfaz na medida em que mantém “[...] certa coerência, pois cada ofensa ao nosso todo-poderoso e soberano Eu é no fundo um *crimen laesae mjestatis*” (FREUD, 1915, p. 243).

Freud (1915) então apresenta um funcionamento psíquico no quais sentimentos opostos podem se ligar a um mesmo objeto, sendo possível tanto amar quanto odiar a mesma pessoa. Para além disso observa também que para o inconsciente a ideia de nossa própria morte é tão inacessível tanto quanto somos inclinados ao assassinato em relação a estranhos.

Posto isso, o que o pai da psicanálise elabora é que a guerra nos despoja das contribuições da civilização colocando a nu os instintos mais primevos do homem salientando também que a guerra “[...] não pode ser eliminada; enquanto as condições de existência dos povos forem tão diferentes, e tão fortes as aversões entre eles (...)”. (FREUD, 1915, p. 246).

Diante de tal dilema Freud questiona se não deveríamos dar à morte um lugar na realidade e em nossos pensamentos, conferindo assim um pouco mais de proeminência à atitude inconsciente para esse fato que tanto tentamos suprimir, apontando com isso a possibilidade de levarmos em conta a verdade e tornarmos a vida mais tolerável.

Entretanto, o psicanalista avisado das dificuldades humanas, termina seu texto sobre a guerra nos advertindo que:

Suportar a vida continua a ser o primeiro dever dos vivos. A ilusão perde o valor se nos atrapalha nisso. Recordemo-nos do velho ditado: *Si vis pacem, para bellum*. Se queres conservar a paz, prepara-te para a guerra. No momento atual caberia mudá-lo: *Si vis vitam, para mortem*. Se queres aguentar a vida, prepara-te para a morte. (FREUD, 1915, p. 246, grifos do autor).

BRASIL: ENTRE A FRAGILIDADE DO ESTADO E A PANDEMIA

É impressionante como uma contribuição da psicanálise realizada há mais de um século continua tão atual para a contemporaneidade, talvez justamente por considerar aspectos relativos ao circuito pulsional dos sujeitos sem necessariamente classificá-los como intrinsecamente bons ou maus.

Nesse sentido, torna-se relevante para este estudo destacar as dificuldades enfrentadas pelo Brasil diante da pandemia da COVID-19 que julgamos ser similares às aquelas enfrentadas durante a Primeira Guerra Mundial. Principalmente no que tange a diferença entre classes, uma vez que, como bem aponta Laura Carvalho (2020, p. 6):

Além da perda de renda e trabalho, a base da pirâmide social, que no Brasil tem uma nítida dimensão racial e de gênero, está mais sujeita à contaminação e a desenvolver

casos mais graves da infecção por Covid-19. Isso porque o risco de contaminação é maior pelo número de pessoas que dividem o mesmo dormitório, pelo uso de transporte público, pela falta de saneamento básico e pela dificuldade de manter o isolamento sem reduzir sua renda para abaixo do nível mínimo de subsistência. Já a gravidade dos casos e, portanto, a probabilidade de óbito depende da existência de comorbidades (doenças crônicas associadas) e do acesso à saúde. No Brasil, a proporção de pessoas com comorbidades associadas à Covid-19 aumenta significativamente entre os menos escolarizados (54% para quem só frequentou o ensino fundamental, ante 34% para quem frequentou o ensino superior) e o número de leitos de UTI no SUS é quase cinco vezes menor do que na rede privada.

A pandemia da COVID-19, como bem descrito acima, nos ofereceu exemplos práticos de como o humano lida com a morte e com a dor dos outros. Neste contexto, foi possível identificar diversos aspectos, sobretudo com a utilização da internet, mas também em meios de informações tradicionais como a televisão.

Noticiários destinaram horas de esforço físico e mental para a cobertura deste momento. Xavier et. al (2020) apontam que a vigilância em saúde apesar de gerar conhecimentos acerca dos aspectos do vírus, das doenças causadas por este e fazer frente a subnotificação, tem também encontrado desafios na hora de examinar dados que são gerados de forma acelerada. Para além disso, no novo contexto de grande utilização da internet uma outra dificuldade ganha notoriedade, sendo ela a disseminação de informações falsas, que por sua vez pode prejudicar a população durante esses tempos.

No entanto, apesar desses entraves, esforços civilizatórios não foram medidos por parte dos pesquisadores da área de microbiologia, médicos e demais profissionais que se dedicaram a compartilhar vídeos na internet nos alertando para os reais perigo da COVID-19. Um bom exemplo é um vídeo do Dr. Átila Lamarino que nos informa sobre a real ameaça invisível e possibilidade das mortes pelo SARS-CoV-2, que atingiu mais de 5 milhões de visualizações em apenas uma semana (BBC, 2020).

Com o percorrer da pandemia, observamos também que os comércios voltaram a ser abertos, além das praias e praças. Em pouco tempo circularam na internet fotos e vídeos em que se mostravam a superlotação desses espaços antes do encerramento das medidas de isolamento social, da criação de uma vacina ou tratamento efetivo.

Uma parcela da população, impulsionada pela figura do presidente, não direcionou a pandemia a devida atenção, pedindo até mesmo através de manifestação a reabertura do comércio, entre outras demandas, onde muitos debateram a dicotomia entre economia e saúde, exigindo a volta do funcionamento do comércio durante boa parte do processo. Tais acontecimentos revelaram uma falsa dicotomia como podemos notar através do manifesto de alguns professores da Universidade Federal de Minas Gerais e das contribuições de Domingues et al

(2020), que demonstram que sem isolamento social as perdas para a economia seriam ainda piores.

No entanto, na contramão das dicotomias, diversos movimentos sociais se mobilizaram desde o início da pandemia para prestar auxílios as famílias carentes, desde a entrega de itens básicos de higiene, seja atuando na educação tanto na parte de conteúdo quanto a resistência frente a iniciativas do governo que pretendiam por exemplo manter a prova do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) - principal porta de entrada da população ao ensino superior - na mesma data definida anteriormente.

Segundo Gohn (2011), os movimentos sociais são organizações que geram inovações e saberes, sendo encarados por nós “[...] como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”. (GOHN, 2011, p. 335).

De acordo com Gohn (2011) na prática, esses movimentos apresentam diversas estratégias, agindo na atualidade também através redes sociais a nível regional e internacional, revelando um modo transacional efetivo de trabalho através das ferramentas disponíveis na internet, conforme pode ser visto na reportagem do site do “Brasil de Fato”, os movimentos “Frente Brasil Popular” e “Frente Povo Sem Medo” que lançaram a plataforma “todomundo.org”, na qual encontramos o seguinte texto:

O objetivo é dar visibilidade e fortalecer as iniciativas populares de solidariedade, para que mais gente possa participar e colaborar da forma como puder. Este é um espaço militante, interativo e participativo, e sua função só se concretiza se for usado e ocupado por mais pessoas e organizações.

A proposta é gerar um grande movimento nacional que dê sentido à superação das crises que vivemos. Construir uma inspiração nacional de todo o campo democrático e popular para agregar todas as pessoas e movimentos que se identifiquem com a Democracia, a Solidariedade e com o Povo Brasileiro. (todomundo.org, 2020).

Nesta plataforma podem ser realizadas doações, cadastro de iniciativas, propostas para a saída da crise e são encontradas também notícias que divulgam ações sociais como “Movimento Sem Terra” (MST), “Rede Rua”, “Rede de Bancos Populares de alimentos”, “Central de Movimento Populares” (CMP).

Sendo assim, o cenário brasileiro atual apresenta-se enquanto um agravante para superarmos a crise sanitária imposta pelo novo coronavírus. Para além da ameaça biológica enfrentamos uma desigualdade social extrema, além de um atual Estado frágil que minimiza os impactos da pandemia e tenta censurar e restringir o acesso da população aos dados epidemiológicos como noticiado pelo site “UOL”. Observa-se que tal contexto acaba por segregar ain-

da mais a nação que precisa, por si só, organizar-se na luta pelos direitos fundamentais como a vida, moradia, livre expressão e acesso à informação, lembrando assim o desamparo dos civis descrito por Freud frente a Primeira Grande Guerra.

Além da desilusão frente ao desamparo do Estado, o Brasil tem hoje a maior proporção de contaminação no mundo, os mortos ultrapassam os 500 mil e percebemos diante desses números duas posturas distintas da população que encontra-se dividida entre aqueles que mesmo desanimados tentam cumprir as exigências sanitárias e aqueles que continuam lotando as praias, como aponta a site de notícias “Terra” (2020).

Nota-se com isso a atualidade da leitura freudiana do homem acerca de sua relação com a morte, que continua tentando colocá-la enquanto uma realidade distante, além da sua dificuldade em se compadecer pela dor do outro, a não ser que este seja um familiar ou pessoa querida, ressaltando como o relaxamento dos laços coletivos repercute na moralidade de cada indivíduo, que diante da “ansiedade social” passa a priorizar satisfações individuais sem considerar a existência da alteridade.

Entretanto, apesar dessa frequente reação nota-se também movimentos contrários e bastante civilizatórios que tentam resgatar a dignidade das vidas perdidas, como é o caso da criação das redes de apoio na internet e do perfil na rede social Instagram @inumeraveismemorial que é dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil.

Salientando com isso as possibilidades no caminho de um trabalho de luto e valorização da vida, pensando na morte enquanto uma realidade ainda que indizível em primeira pessoa. Postura essa bastante importante e descrita por Freud em seu texto “Sobre a transitoriedade” que teremos a oportunidade de trabalhar adiante.

E O QUE NOS RESTA?

Diante de todos os cenários descritos até aqui, podemos então levantar questões relativas a como conseguiremos enfrentar tamanhas frustrações e ameaças a vida em sociedade. Freud novamente nos traz algumas pistas sobre possibilidades de ação em seu texto “Sobre a transitoriedade”, que condensa em poucas páginas importantes elaborações sobre o que movimenta a humanidade.

A discussão de Freud começa a partir de um hábito rotineiro de sua vida, no qual naquela ocasião de um dia de verão caminhava pelo campo ao lado de um amigo poeta que apesar de admirar a beleza à sua volta não retirava qualquer alegria disso. Segundo o psicanalista,

o poeta era perturbado pelo pensamento de que toda aquela beleza estava destinada ao fim com a chegada do inverno.

Frente a essa percepção, o autor aponta que diante da possibilidade da decadência daquilo que é belo podem surgir dois impulsos distintos na mente: o abatimento ou à rebelião contra o fato consumado. Entretanto, mesmo legitimando a pertinência desses afetos frente a frustração de nosso desejo de que nem nós e nem aquilo que gostamos pereça, Freud não deixou de discutir e confrontar a visão pessimista do poeta revelada através da ideia de que a transitoriedade daquilo que é belo implica na perda de seu valor, justificando um aumento de sua importância justamente pela sua escassez no tempo.

Apesar da tentativa de Freud ter se mostrado falha quanto as impressões do poeta, o autor percebeu que fatores emocionais interferem no discernimento dos sujeitos, analisando que naquela ocasião o que extraviou a fruição da beleza foi uma revolta em sua mente contra o luto, uma vez que, diante da transitoriedade da beleza houve uma antecipação desse processo que pelo desprazer interfere nos pensamentos sobre a transitoriedade.

Nesse sentido, a contribuição freudiana sobre a transitoriedade diz respeito a sua relação com o luto, na medida em que possuímos certa dose de capacidade para o amor (libido) que a princípio é dirigida a nós mesmos e posteriormente desviada para objetos que também acabam, em alguma medida, sendo levados para o nosso eu. Caso tais objetos sejam destruídos ou perdidos teremos novamente libido livre para investirmos em novos objetos.

Entretanto tal processo não ocorre facilmente, é necessário que haja um trabalho de luto, o qual segundo o autor na maioria das vezes chega a seu fim de modo espontâneo, a medida que renunciamos a tudo aquilo que foi perdido e passamos a investir em novos objetos igualmente, ou ainda mais preciosos.

Nesse sentido, podemos pensar que diante da pandemia que nos assola, que modifica e/ou interrompe nossas atividades laborais, que nos priva da liberdade do contato físico e modifica nossas formas de interação social seja necessário que renunciemos aos antigos ideais sociais, para que assim possamos investir e construir novas maneiras de encontro com o outro. Buscando lidar justamente com aquilo que tentamos até o momento extirpar: a alteridade.

Posto isso, destacamos justamente a alteridade por ela ser representada por aquilo que Freud (1915) designa em seu texto enquanto “fragilidade” ao afirmar que:

Quando o luto tiver terminado, verificar-se-á que o alto conceito em que tínhamos as riquezas da civilização nada perdeu com a descoberta de sua fragilidade. Reconstruiremos tudo o que a guerra destruiu, e talvez em terreno mais firme e de forma mais duradoura do que antes. (p.185)

Na reconstrução da sociedade frente à pandemia (que já está em andamento) é de fundamental importância que ela seja feita tendo como base a noção de nossa fragilidade, não enquanto algo de menor valia, mas sim enquanto algo que necessita de investimento constante, a fim de minimizarmos as disparidades sociais fruto disso que Freud chamou de “[...] ego todo-poderoso e autocrático.”

Por fim, talvez o que nos resta seja justamente começar lidar com nossos restos, com aquilo que até o momento julgávamos não fazer parte nós. Talvez seja o momento de nos responsabilizarmos não apenas por nossos afetos altruístas, mas sim por aqueles agressivos que insistem em aparecer quando nos sentimos ameaçados por tudo aquilo que é diferente.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Laura. **Curto-circuito: o vírus e a volta do Estado**. São Paulo: Todavia, 2020.

DOMINGUES, Edgar et al. **Cenários de isolamento social da Covid-19 e impactos econômicos em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Cedeplar, 2020.

CNN Brasil. O que a pandemia de gripe espanhola de 1918 pode nos ensinar sobre a Covid-19. Disponível em < <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/09/26/o-que-a-pandemia-de-gripe-espanhola-de-1918-pode-nos-ensinar-sobre-a-covid-19> > Acesso em: 26 de dezembro de 2020).

FREUD, S. **Considerações atuais sobre a guerra e a morte**. In S. Freud Obras Completas (P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp.209-246). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. **Sobre a Transitoriedade**. Edição Standard Brasileiras das Obras Completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1915b/1974.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 47, pág. 333-361, agosto de 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-4782011000200005&lng=en&nrm=iso>. acesso em 09 de Setembro de 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus: o que você precisa saber**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/>> Acesso em: 14 de setembro de 2020.

TAPIAS, José Antônio. **Internautas e Naufragos: A busca de sentido na cultura digital**. São Paulo: Loyola, 2006.

TERRA. **Praias do Rio lotam mesmo com proibição por covid-19**. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/praias-do-rio-lotam-mesmo-com-proibicao-por-covid-19,51864d977997313caf5ed117018f3c01ht8h05sq.html>> Acesso em: 14 de setembro de 2020.

UOL. **Brasil é destaque no mundo por esconder dados de mortes por covid-19.** Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/bbc/2020/06/08/brasil-e-destaque-no-mundo-por-esconder-dados-de-mortes-por-covid-19.htm>>. Acesso em: 14 de setembro de 2020.

XAVIER, FERNANDO et al . Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. **Estud. av.**, São Paulo , v. 34, n. 99, p. 261-282, a. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142020000200261&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 de setembro de 2020.